



MANIFESTO POLÍTICO

ORGULHO E SAÚDE COLETIVA- UMA NARRATIVA DE CURA

23ª Parada do Orgulho LGBTQ+ da Bahia | 6 de setembro de 2026 | Farol da Barra

PARTE I- A GÊNESE DA VERGONHA: O DIAGNÓSTICO CRUEL

De onde vem a vergonha?

A vergonha não nasce no corpo. Nasce no olho que julga antes de acolher. No discurso que diz, antes da primeira palavra: "você não é normal".

Desde a infância, a pessoa LGBTQ aprende que seu afeto é exceção. Que seu desejo é desvio. Que seu corpo é erro anatômico ou pecado moral. A família silencia. A escola patologiza. A igreja condena. O sistema omite.

A vergonha é uma tecnologia de controle. Um dispositivo biopolítico que internaliza a violência para que ela não precise ser aplicada a cada instante - a pessoa aprende a se odiar antes que o outro a odeie. Aprende a se esconder antes que a sociedade a esconda.

Não há como negar - a vergonha funcionou por séculos. Foi eficiente. Manteve corpos dissidentes na clandestinidade por gerações. O pior: muitos aprenderam a amar seus alcoses, a reproduzir o discurso que os condena, a ocupar o menor espaço possível para não incomodar.

O custo epidemiológico da vergonha

A vergonha não é apenas sofrimento psíquico - é **letal**.

1. 1 pessoa LGBTQ+ é morta a cada 34 horas no Brasil
2. 2 a 4 vezes mais depressão e ansiedade que a população geral
3. Suicídio é a 4ª causa de morte entre jovens LGBTQ
4. Acesso a serviços de saúde é sistematicamente negado ou precarizado



Os números são conhecidos há décadas. As políticas públicas existem no papel desde 2011 (Política Nacional de Saúde Integral LGBT). As secretarias assinam portarias. Os conselhos deliberam. E nada muda. Porque a vergonha é funcional para o sistema - corpos que se odeiam não reivindicam direitos. Corpos envergonhados ocupam menos espaço. Corpos que se escondem não exigem custos ao Sistema.

A saúde coletiva falha não por ignorância - falha **por projeto**.

PARTE II - ORGULHO COMO ANTÍDOTO

O que é o Orgulho?

Orgulho não é arrogância. É **antídoto**.

Se a vergonha é o veneno que a sociedade inocula para controlar corpos dissidentes, o orgulho é o contra-veneno que a comunidade produz para sobreviver.

O Orgulho nasceu como resposta coletiva à violência - a Revolta de Stonewall (1969) não foi uma festa, foi um levante. Mulheres trans, travestis, negros e drag queens disseram: "não mais". E, ao dizer, inventaram uma nova tecnologia política: a afirmação pública da existência como ato de resistência.

Orgulho x Vergonha: o campo de batalha

VERGONHA (veneno)	ORGULHO (antídoto)
Isolamento	Encontro
Silêncio	Voz
Invisibilidade	Ocupação
Culpa	Dignidade
Medo	Potência



VERGONHA (veneno)	ORGULHO (antídoto)
Adoecimento	Cuidado
Morte	Vida

O orgulho não apaga a vergonha, ele a enfrenta. Não há cura sem esse enfrentamento. A saúde coletiva LGBT não se faz com remédio, faz-se com ressignificação da existência.

A virada narrativa

Um jovem LGBT que marcha na Parada pela primeira vez não está apenas se divertindo. Está desaprendendo a vergonha que lhe foi ensinada desde o berço. Está vendo milhares de corpos iguais ao seu ocupando o espaço público sem pedir licença. Está descobrindo que não é erro, não é pecado, não é doença.

Isso não é efeito colateral. É o princípio ativo do Orgulho.

Gerações inteiras de pessoas LGBT que marcharam nas décadas de 1980, 1990 e 2000 não curaram apenas a si mesmas, criaram as condições para que as gerações seguintes pudessem existir com menos violência. O Orgulho é uma tecnologia de longo prazo: seus efeitos se acumulam no tempo, como camadas de um sedimento que solidifica o chão para quem vem depois.

PARTE III - A PARADA COMO USO LIVRE DO ESPAÇO PÚBLICO

Ocupar é um ato de saúde

O espaço público nunca foi neutro. Ruas, praças, avenidas, são territórios onde o poder se inscreve. Quem ocupa a rua determina quem é cidadão.

A Parada do Orgulho é a reocupação do espaço que foi negado. O Farol da Barra, cartão-postal de Salvador, torna-se por um dia o epicentro da existência LGBT. A Avenida Oceânica, que todos os dias testemunha o fluxo



normal da cidade, é tomada pela multidão colorida que diz: essa rua também é nossa. Esse território também nos pertence.

A cada edição, a Parada grava no espaço urbano uma marca simbólica permanente. O Farol da Barra já não é apenas o Farol da Barra - é o lugar onde a comunidade LGBT existe em sua potência máxima. Essa marca não se apaga. Ela se acumula ano após ano, camada após camada, gerando um arquivo vivo de ocupação.

O que a ocupação produz na saúde coletiva

1. Visibilidade positiva → Redução do estresse de minoria
2. Encontro com pares → Fim do isolamento, principal fator de risco
3. Produção de pertencimento → Sentido de comunidade e proteção
4. Ressignificação do território → O espaço hostil vira espaço de acolhimento
5. Aprendizado político → Ocupar a rua ensina que direitos se conquistam coletivamente

A crítica conservadora diz que a Parada "sexualiza o espaço público" ou "impõe uma pauta". A resposta é simples: o espaço público já é sexualizado e impõe pautas todos os dias, a da heteronormatividade, da família tradicional, do casal monogâmico no outdoor, da propaganda que só mostra corpos heterossexuais. A Parada apenas visibiliza o que já existe, mas é escondido. Não impõe nada, apenas mostra.

PARTE IV - AS FALHAS DA SAÚDE COLETIVA

O diagnóstico implacável

Vamos ao que ninguém quer dizer em voz alta:

Falha 1- O SUS não está preparado. Profissionais de saúde não são capacitados para atender população LGBT. O resultado? Pessoas trans abandonam tratamento. Homens bissexuais mentem sobre sua sexualidade para evitar constrangimento. Mulheres lésbicas não fazem preventivo porque o atendimento é grosseiro.



Falha 2 - As políticas existem, mas não saem do papel. A Política Nacional de Saúde Integral LGBT (2011) é robusta. Mas onde está sendo implementada? Poucas são as secretarias municipais executam. Os recursos não chegam. As metas não são cobradas. O plano vira **letra morta**.

Falha 3 - O Sistema patologiza enquanto deveria acolher. Até 1985 990 a homossexualidade era doença, graças atuação do GGB, tornou sem efeito a CID 302 do Brasil, em 1990 a OMS no mundo. Até 2019 a transexualidade era transtorno mental. Isso não é história antiga, é a **memória viva** de profissionais que ainda hoje tratam corpos dissidentes como casos a serem corrigidos. Até os dias atuais não se dispõe de tratamento hormonal desce não dispondo de um hormônio específico para os corpos dissidentes, que continuam fazendo uso de anticoncepcionais, alguns extremamente nocivos, ao exemplo do Perlutan.

Ponto 4 - A produção de dados ainda é um campo a construir. Ainda não há, de forma consolidada, dados desagregados sobre a saúde da população LGBT em escala estadual, o que dificulta dimensionar quantos adoecem, quantos são atendidos e quantos morrem. Sem medição, fica difícil transformar o tema em prioridade e, conseqüentemente, assegurar recursos. Aqui há uma oportunidade clara: a construção conjunta de uma base de dados que torne a política visível, mensurável e, portanto, financiável.

Ponto 5 - O financiamento ainda é incipiente e descontínuo. A saúde LGBT ainda não conta com orçamento próprio e permanente como política pública de caráter contínuo - o que existe é sazonal e concentrado em municípios. Nesse cenário, as organizações da sociedade civil, como o GGB, atuam na linha de frente com recursos próprios, voluntariado e militância. Mais do que uma lacuna, isso revela a potência do terceiro setor e a oportunidade de transformar essa atuação em parceria institucional estável com o poder público.

PARTE V - OS PONTOS POSITIVOS: ORGULHO COMO TECNOLOGIA DE CUIDADO

O que a Parada faz que o sistema não faz



1. Cria vínculo. A Parada conecta pessoas isoladas em uma rede de pertencimento. O vínculo comunitário é o principal fator de proteção contra suicídio, depressão e ansiedade. Nenhum medicamento substitui o encontro com o igual.

2. Produz informação. Na Parada, circula informação sobre prevenção, saúde, direitos e serviços. É um dispositivo de educação popular em saúde em escala massiva, sem jaleco, sem recepção hostil, sem burocracia.

3. Despatologiza. Ao ocupar a rua com orgulho, a Parada desfaz, em um dia, o que séculos de patologização construíram. O corpo que marcha diz: não sou doente, sou existente sou outdoor de mim mesmo.

4. Mobiliza afeto. Saúde coletiva não se faz apenas com protocolo e fluxos. Faz-se com cuidado que aquece o coração. A Parada é o ponto onde o afeto coletivo se materializa em multidão. Isso não é poesia romântica, é epidemiologia: o afeto compartilhado reduz cortisol, o abraço, beijo, ou mesmo, o gestual, o sorriso aumenta ocitocina, fortalece o sistema imunológico.

5. Pressiona o Sistema. A Parada é o momento em que a população LGBT se torna visível como eleitorado, como força política, como demanda. Nenhuma secretaria de saúde pode ignorar 300 mil pessoas na rua. Em números 1.8 milhão maiores de 18 anos na Bahia – PNS/IBGE. No Carnaval em 2026 essa população gastou 810 milhões. No dia da Parada

PARTE VI - MANIFESTO: A RUA COMO TERRITÓRIO DE CURA

Não esperaremos mais.

Não esperaremos que o SUS nos trate com dignidade. Não esperaremos que as secretarias implementem a política que já existe. Não esperaremos que os profissionais se capacitem. Não esperaremos que o sistema nos veja como cidadãos.

Enquanto o sistema falha, a **rua cura**.

Enquanto o sistema patologiza, a **multidão acolhe**.



Enquanto a vergonha é ensinada, o **Orgulho desaprende**.

A 23ª Parada do Orgulho LGBT+ da Bahia não é um evento. É a **prova viva** de que a saúde coletiva não depende de autorização, depende de ocupação.

Saúde Coletiva é:

Ocupar o Farol da Barra e dizer: **este território também nos pertence**.

Marchar na Avenida Oceânica e provar: **existir não é crime, não é pecado, não é doença**.

Olhar para o lado e ver milhares de corpos iguais ao seu e entender: **não estou sozinho**.

Amar quem se quiser e saber: **meu afeto é digno de cuidado**.

Conclamamos:

As empresas que compreendem que diversidade não é pauta, é pilar de negócio e compromisso com a vida.

O poder público que reconhece que sua ausência custa vidas, e que apoiar a Parada é reparar uma dívida histórica.

A sociedade que entende que a saúde coletiva LGBT é saúde coletiva de todo mundo - porque nenhuma cidade é saudável enquanto parte de sua população adoece por ser quem é.

PARTE VII - A EQUAÇÃO QUE FICA

O que dura?

A vergonha não dura - porque o Orgulho a enfrenta a cada edição.

A omissão do Poder Público não dura - porque a comunidade se organiza para prover.

O isolamento não dura - porque a multidão ocupa a rua.



A patologização não dura - porque a existência desmente o diagnóstico.

O que dura é o que a 23ª Parada do Orgulho LGBT+ da Bahia planta:

A certeza de que o cuidado coletivo é possível. A prova de que o espaço público pode ser território de acolhimento. A semente de que o Orgulho é, e sempre será, o antídoto que nos mantém vivos.

ANEXO

CÁLCULO SIMPLES - IMPACTO ECONÔMICO DA PARADA

Estimativa de gasto mínimo por pessoa na 23ª Parada do Orgulho LGBT+ da Bahia. Os olhos fechados pela indiferença institucional não conseguem ver.

Dados base

Variável	Valor
Público estimado	300 mil pessoas
Gasto mínimo por pessoa	R\$ 60,00
Período	1 dia (domingo, 6 de setembro)

Cálculo

$300.000 \text{ pessoas} \times \text{R\$ } 60,00 = \text{R\$ } 18.000.000,00$

Resultado

R\$ 18 milhões é o valor mínimo injetado na economia de Salvador em um único dia- domingo de Parada.

Esse montante circula em:



Comércio local - barraquinhas, ambulantes, lojas da orla

Alimentação - restaurantes, bares, food trucks, lanches

Transporte - táxi, Uber, ônibus, metrô, estacionamento

Vestuário e acessórios - camisas, bandeiras, adereços, maquiagem

Eventos paralelos - festas, shows, after-parties

Projeção ampliada (3 dias de evento)

Se considerarmos o final de semana inteiro (sexta a domingo), com visitantes que vêm de outras cidades e estados:

Dias	Público acumulado	Gasto total estimado
1 dia (domingo)	300 mil	R\$ 18 milhões
3 dias (sexta a domingo)	450 mil (com turistas)	R\$ 27 milhões

Comparação

Evento	Impacto econômico estimado
Parada do Orgulho LGBTQ+ da Bahia (1 dia)	R\$ 18 milhões
Jogo do Bahia na Fonte Nova (média)	R\$ 3 a 5 milhões
Show grande na Arena Fonte Nova	R\$ 8 a 12 milhões

A Parada movimenta mais que um show de grande porte, e não recebe o mesmo tratamento institucional.

300 mil pessoas $\times$ R\$ 60 = R\$ 18 milhões em 1 dia

Com turistas de final de semana: até R\$ 27 milhões

A Parada gera mais impacto econômico que grandes shows e jogos - mas o governo não destina recursos proporcionais



Grupo Gay da Bahia

Presidente Marcelo Cerqueira Mott

Estrategista da Diversidade

Salvador, Bahia, aos 10 de agosto de 2026